AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

TODO MUNDO ODEIA O CRIS: *BULLYING* OU PRECONCEITO RACIAL?

Autora: Olga Grizante
Orientadora: Profª. Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

TODO MUNDO ODEIA O CRIS: *BULLYING* OU PRECONCEITO RACIAL?

Autora: Olga Grizante

Orientadora: Profª. Ma. Marina Silveira Lopes

"Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras".

JUÍNA/ 2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Katia Fraitag

_____

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia

_____

ORIENTADORA

Profª. Ma. Marina Lopes de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força para concluir essa etapa em minha vida.

Aos meus pais Ananias e Rosapela educação, pelo amor, pela confiança, pelo incentivo, pelos bons exemplos de personalidade, enfim, por tudo o que fizeram por mim.

Ao meu amigo Antônio Carlos Alves da Silva pela compreensão e carinho, foi uma pessoa especial que me apoiou muito durante esses três anos principalmentenomomento de dor e perda que tive, pois foi uma pessoa que sempre esteve pronto para me ouvir e ajudar nas horas mais difícil que tive durante esse período.

Aos colegas de faculdade que me apoiaram no momento mais difícil que já passei em minha vida, eles sempre tinha uma palavra de conforto para me ajudar.

Ao meu namorado que é uma pessoa muito especial em minha vida, pelo amor, carinho e compreensão.

À minha orientadora ProfªMa. Marina que me conduziu para a concretização dessa conquista.

Meus sinceros agradecimentos!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe que em vida sempre me incentivou e me apoiou para alcançar este objetivo.

“Todos os dias, alunos no mundo todo sofrem com um tipo de violência que vem mascarada na formade“brincadeira”. Estudos recentes revelam que esse comportamento, que até há bem pouco tempo era considerado inofensivo e que recebe o nome de bullying, pode acarretar sérias conseqüências ao desenvolvimento psíquico dos alunos, gerando desde queda na autoestima até, em casos mais extremos, o suicídio e outras tragédias.”

(DREYER, 2011, p.01)

RESUMO

O presente trabalho traz os conceitos de *bullying*e preconceito racial nos primórdios da sociedade e demonstra como a mídia vem repercutindo o *bullying*e deixando de lado os outros tipos de violência, principalmente no ambiente escolar. Comprovaremos que existem outros tipos de violência, como por exemplo, o preconceito racial com um episódio da série *Todo mundo odeia o Chris,* como intuito de demonstrar as ações que caracterizam determinada agressão. Salientando que o objetivo do trabalho é levar às ou à uma reflexão sobre as violências decorrentes com os jovens e adolescentes e que primeiramente, deve-se diagnosticar e posteriormente tomar as atitudes para tal. Nem tudo é *bullying,* e conhecer outras formas de repressão é o primeiro passo para uma conscientização social.

Palavras-chave: *Bullying,* Preconceito Racial, Violência, Ambiente Escolar.

ABSTRACT

The present work behind the concepts of bullying and racial prejudice in the early days of society and the media has been demonstrated with passing the bullying and leaving aside other types of violence, especially in the school environment. We found that there are other types of violence, such as racial prejudice with an episode of Everybody Hates Chris, with the purpose to demonstrate the actions that characterize certain aggression. Stressing with the aim of this work is to get people to reflect on the violence arising from children and adolescents and that first, should be diagnosed and then take the steps to do so. Not everything is bullying, and meet other forms of repression is the first step to a social awareness.

Keywords: Bullying, Racial Prejudice, Violence, School Environment.

Lista de Figuras

Figura 01: Família Rock da Série “Todo Mundo Odeia o Cris 21
Figura 02: Cena que retrata o preconceito racial no ônibus. 22
Figura 03: Cena que retrata o preconceito racial com Caruso.....23
Figura 04: Cena que Caruso agride Chris. 23
Figura 05: Christopher Julius Rock e Tyler James Williams (Chris nasérie) 25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPITULO I: SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: INDIVIDUALISMO E VALORIZACÃO DOS *WINNERS*.....13

1.1 O *bullying* nos patamares mundiais e locais.....13

CAPÍTULO II: PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL 18

2.1. O preconceito racial norte-americano: a repugnação ao negro.....19

CAPÍTULO III: PRECONCEITO RACIAL OU *BULLYING* EM *TODO MUNDO ODEIA O CRIS*?.....21

CONSIDERAÇOES FINAIS 26

REFERÊNCIAS.....28

.....

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas não sabem o que é o *bullying.* O que para muitos pode ser considerada apenas uma brincadeira, na realidade é *bullying,* pois um simples peteleco de forma constante em uma pessoa já é *bullying.*

Isso acaba com qualquer estudante ou ser humano, pois, não podendo expressar seu ponto de vista, faz-se com que o aluno vá se retraindo no seu mundo e se fechando, já sabe que não pode expressar. Se falar vai ser vaiado pela turma. Com isso o discente deixa de dividir e expressar seus conhecimentos com a classe, ele vai perdendo a vontade de estudar e até mesmo de participar de alguns eventos, aquela segurança que tinha já não tem mais.

Dessa forma os professores nem sabem por que aquele aluno que era excelente e parou de participar das aulas e de fazer suas atividades e trabalhos,e passam, até mesmo a maltratar esse discente sem saber o que esta se passando com o discente. Ora, o estudante que está passando por isso não vai falar para o professor que está passando por tais problemas na sala de aula, pois o discente se sente tão ameaçado que se tranca em seu mundo. É muito importante também que os professores, quando perceberem que o rendimento de seu aluno caiu não é mais aquele que conhecia, senta com seu discente e conversa em particular para que esse estudante venha sentir seguro e falar o que esta acontecendo na sala de aula.

Este trabalho abordará também o preconceito racial, vigente na sociedade e acobertado pelo *bullying* que a mídia nos traz diariamente. O objetivo deste trabalho é desmistificar a idéia imposta pela mídia de que toda agressão no âmbito educacional é *bullying.* O preconceito tem suas raízes mais antigas e ainda é esquecido por muitos, mas não devemos excluí-lo do nosso meio, pois a alienação reflete o descaso e pode gerar graves consequências.

O preconceito racial exclui, inferioriza e maltrata o negro. Que com muita luta de resistência vem exigindo seu direito de igualdade e cidadania distorcidos nos primórdios da escravização. Muito foi conquistado, mas o preconceito ainda existe e vem trazendo sérias consequências, sobretudo para a vida de jovens e crianças que não sabem lidar com a situação.

A pesquisa bibliográfica tem como principais autores analisados nessa pesquisa foram Cléo Fante, Gabriel Chalita e Ana Beatriz Barbosa Silva.

Os objetivos serão bibliográficos, uma vez que os dados levantados e analisados nos permitiram descrever e descobrir as diversas formas de violência no ambiente escolar com o intuito de diagnosticar qual a definição da violência neste trabalho, onde salientemos o *bullying* e o preconceito racial para que assim possamos tratar cada um de forma coerente, face a não ocorrência de trabalho de campo

O preconceito racial foi analisado no primeiro episódio da primeira temporada do seriado *Todo Mundo Odeia o Chris* que é quando o Chris muda de um bairro para outro, onde motivado por sua mãe ele ira estudar em um colégio de outro bairro que é só de alunos brancos.

Acreditamos que essa pesquisa contribuiu para a sociedade escolar, pois esta tratando da realidade dos alunos das escolas de hoje, colaborando assim com os futuros professores de todas as áreas da educação, pois os docentes precisam desenvolver a capacidade de diagnosticar o *bullying* e o preconceito racial nas escolas, se eles souberem identificar qual o tipo de violência presente no âmbito escolar, o professor terá facilidade em trabalhar e lidar com essa agressão diagnosticada. Também poderá contribuir com as famílias dos envolvidos com o fenômeno *bullying* e preconceito racial, podendo questionar junto com a escola a fim de resolver o problema. Poderá ainda conscientizar as pessoas que a agressão educacional deve ser percebida e tratada, pois estamos lidando com vidas.

A estrutura desse estudo foi distribuída em três capítulos para facilitar a compreensão do tema principal, como segue abaixo.

No primeiro capitulo apresentaremos, sociedade contemporânea: individualismo e valorização dos *winners*[1], o *bullying* nos patamares mundiais e locais, as definições e o histórico do termo *bullying*; faremos uma relação do *bullying* com a escola; mostraremos a distinção entre os comportamentos agressivos e a indisciplina, pois ambos são confundidos por muitos educadores. No segundo

[1] Tradução: vencedores. Fonte: http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/winners. Acesso em: 08, Nov. 2011.

capítulo abordaremos o preconceito racial no Brasil e o preconceito racial norte-americano: a repugnação ao negro.

No terceiro capítulo trabalharemos o seriado *Todo mundo odeia o Chris* onde estaremos descrevendo, se o que o autor principal Chris sofre é Preconceito racial ou *bullying*. As considerações finais e as referências.

CAPITULO I
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: INDIVIDUALISMO E VALORIZACÃO DOS *WINNERS*

Atualmente, a sociedade capitalista neoliberal visa por padrões de beleza e estética para que possam vender seus produtos e consequentemente exercer domínio sobre os indivíduos consumidores. Partindo deste pressuposto temos os *winners*, para Nascimento (2011), a pessoa que possui os critérios da sociedade dominante, que segue os modelos impostos, estão nessa classe. Para ter a feição "perfeita" são necessárias modificações corporais, as quais tem proporcionado aos indivíduos a sensação de gozo, de estar em perfeita harmonia com o mundo, uma recompensa a todo sacrifício e esforço.

Entre os inúmeros resultados de enquadrar ao padrão de beleza e aceitação do outro está sensação de adequação ao olhar do outro, bem como ao seu próprio olhar. O desejo de ser reconhecido e valorizado possui um papel primordial na adesão de determinadas modificações corporais reflexivas, orientando para a escolha de algumas técnicas em detrimento de outras.

Outro conceito preponderante na sociedade capitalista são os *losers,*[2] considerado para Nascimento (2011), aqueles que não seguem os padrões estabelecidos, sendo a maioria dos indivíduos. O sentimento de inadequação corporal e a auto-imagem negativa podem arrasar a vida de um indivíduo, pois este pode buscar incansavelmente uma perfeição inatingível.

1.1 O *bullying* nos patamares mundiais e locais

O *bullying* é um fato preponderante da mídia nacional, o qual se expande e se reforça como os constantes casos de agressão que a televisão nos transmite. Diante disso, as pessoas e principalmente a escola, começa a olhar as "pequenas violências" com um olhar mais crítico e rigoroso, pois pode se tratar de *bullying.*

[2] Tradução: fracassado. Fonte: http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/loser. Acesso em: 08, Nov. 2011.

De acordo com Fante (2005), a palavra de origem inglesa, *bullying*, defini-se como o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-lo sob tensão, consiste em comportamentos agressivos e anti-sociais. “No Brasil, utilizamos o mesmo termo: *bullying* ou *bully,* traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, tiranizar”, “amedrontar”. Dessa forma, a definição é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos de natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder.

Podemos caracterizá-lo como atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, levando-os à exclusão, além de danos físicos morais e materiais.

Para Fante (2005), os comportamentos *bullying* podem ocorrer de duas formas: direta e indireta. A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vitima de seu grupo social.

Estas ações são culminantes, sobretudo no âmbito educacional, onde são registrados os maiores fatos desta agressão, geralmente entre os próprios alunos. O que gera conflitos desastrosos, principalmente entre o professor e o educando, pois na maioria das vezes o profissional não está preparado para lidar com estas situações em sala.

“Estudiosos do fenômeno concordam que o problema maior dos pais e dos professores se deve à dificuldade de identificar a ocorrência dessas pressões, já que a maioria das crianças recusam-se em falar abertamente sobre o assunto.” (FANTE, 2005, p. 74). O motivo principal é a vergonha que a vítima tem por ter que reconhecer que está sofrendo gozações na escola, ou ainda por temer retaliações do agressor. Um dos sinais mais eminentes é a queda de rendimento escolar e a resistência em ir à aula. A criança é desmotivada em assistir às aulas devido ao fato de ter que se deparar com o agressor, e submeter-se aos atos violentos do mesmo.

Na atualidade, diversos fatores influenciam os comportamentos agressivos, devido à vasta desigualdade social, decorrente, por exemplo, da pobreza e do desemprego. Para Fante (2005), uma das causas que fazem com que a violência se

expanda é a exclusão social, principalmente a da infância e da juventude, pois encontram na violência uma forma de mostrar que existem, são importantes e que também fazem parte do mesmo contexto social. Para outros, a violência está associada à crise econômica que substitui as oportunidades legais de trabalho pelas ilegais, como o tráfico de drogas e armas.

Os meios de comunicação são verdadeiros precursores do *bullying*, pois possuem uma influência majoritária em relação à população. Destacamos o meio televisivo, que contribui para o aumento da violência: “são veiculadas ideias agressivas e destrutivas nos filmes, nos jogos de *videogames* e de computadores, em que a violência é vista como algo imediato, cotidiano e frequente.” (Fante, 2005, p. 170) Além disso, muitas vezes o agressor fictício acaba saindo como o “bonzinho” da história, o herói. Ou a idéia de que aquele que mais bata é o melhor e o fraco é geralmente descartado.

Segundo a Revista Nova Escola (2010, p. 71), “é comum pensar que há apenas dois envolvidos: a vítima e o agressor. Mas especialistas alertam para um terceiro personagem fundamental: o espectador.”

> “Vítima costuma ser tímida ou pouco sociável e foge do padrão do restante da turma pela aparência física (raça, altura, peso), pelo comportamento (melhor desempenho na escola) ou ainda pela religião. Geralmente, é insegura e, quando agredida, fica retraída e sofre, o que a torna um alvo ainda mais fácil.” (NOVA ESCOLA, 2010, p. 71).

A vítima, por ser sensível, não encontra força suficiente para reagir a essas agressões. Outro motivo é o sentimento de vergonha de admitir que esteja apanhando na escola ou sofrendo outros tipos de violências, sendo assim, se tornam reféns do jogo de poder.

A Revista Nova Escola (2010) corrobora relatando um fato de *bullying*[3], no qual o agressor humilha um colega e o deprime pelo simples fato de querer ser

[3] Em 1999, em uma das escolas de maior destaque dos Estados Unidos, a Columbine High School, os estudantes Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, assassinaram 12 colegas de escola e um professor, deixando mais de 20 pessoas feridas e se suicidando em seguida. A cena chocou milhões de pessoas e muitas atribuiriam o ato a figuras marginais. Fonte: Revista Psique, 2010, p. 39.

popular. Ou seja, um caso supérfluo gerou uma agressão que culminou em um processo catastrófico para o indivíduo e, sobretudo para a nossa sociedade, que muitas vezes se mostra alheia a estes fatos preponderantes.

Normalmente, o agressor mantém esse comportamento mesmo quando adulto, continua depreciando outros para chamar a atenção. Na realidade, consiste numa pessoa comum, com atos diferentes dos outros, ações agressivas geralmente com o objetivo de ter a atenção das pessoas e mostrar-se superior aos demais. De acordo com Fante (2005), o agressor apresenta-se como um ser mais forte que suas vítimas, sendo elas, na maioria das vezes, companheiros de classe, os quais quase sempre possuem a mesma idade ou mais velhos. A idade das vítimas não importa para o agressor, o seu intuito é provar que pode ser superior e o outro inferior, e o meio para tal é a violência.

Outro agente do *bullying* é o espectador, o que assiste todas as agressões e permanece calado. A Revista Nova Escola (2010) afirma que o espectador consiste na testemunha dos fatos, o qual tem um posicionamento neutro: não está do lado da vítima e nem do agressor. Suas atitudes são passivas e não se impõe à violência, pois pode estar com medo de ser a próxima vítima ou ainda por não possuir iniciativa pra tomar um partido e defender um lado da questão. Os espectadores é a grande maioria dos alunos, pois convive com esse problema, mas prefere adotar a lei do silêncio.

Conforme a Revista Psiqué (2010, p. 40), no Brasil, foi detectado um caso semelhante ao da escola norte-americana em 2003, que foi quando “o estudante Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos , invadiu o colégio onde estudava, no interior de São Paulo e, armado, atirou em nove pessoas e depois se matou.” Motivo esse para o ato era que Edmar era gordinho durante sua infância, por isso ele era motivo de chacotas de seus colegas de escolas.

Esta situação nos remete a pensar que quando uma criança sofre *bullying* pode ter como consequencia grandes transtornos na sua vida adulta, fazendo com que ela carregue isso gravado no seu psicológico e se transforme numa pessoa agressiva ou, ainda, chegando a casos extremos como os citados acima, cometendo grandes tragédias e o próprio suicídio.

Atualmente, a mídia nos traz com frequência relatos de *bullying,* entretanto, devemos nos atentar que nem tudo é *bullying.* No mundo existem diversas maneiras de violência, as quais devem ser diagnosticadas a tempo para serem combatidas. Uma destas é o preconceito racial, este, muitas vezes confundido com o *bullying*, mas que possui suas características próprias.

O preconceito racial é outra forma de agressão que prejudica o rendimento escolar da criança que deve ser levado em consideração, essa forma violência existente em diversos lugares muitas vezes passam despercebidos.

O preconceito racial nasceu desde a época da escravidão, quando os negros eram inferiorizados e dominados pelos brancos. Até mesmo a liberdade era tida por euforia, sendo esta, conquistada depois de muitos anos. Os primórdios desta segregação levaram uma imagem negativa da raça, a qual repercute até os dias atuais. Haja vista, a sociedade *ainda* vê o negro como inferior, e apesar de todas as conquistas, a busca pela igualdade e tantas outras lutas continuam a mostrar que muitos sofrem o preconceito racial: são marginalizados, excluídos e menosprezados, pelo simples fato de serem negros.

CAPÍTULO II

PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL

De acordo com Jaccoud (2008), na primeira metade do século XIX o trabalho urbanista era composto por trabalhos escravos, que, em sua maioria, eram negros e mulatos. A mão-de-obra escrava mais qualificada eram os artesãos, prestadores de serviços de reparações e mesmo trabalhadores adaptados aos serviços industriais. Cerca de 30 anos antes da abolição, iniciou-se o processo de substituição da mão-de-obra escrava pela dos imigrantes.

Jaccoud (2008) corrobora afirmando que o racismo surgiu no Brasil por meio da escravidão, pois após a abolição, os negros continuavam sendo tratados como membros “inferiores” da sociedade. Consta-se que por volta do ano de 1889, foi um período que se expandiu a “ideologia racista”, a qual permitiu a naturalização da desigualdade social presente em nosso país. Este fato levou a marca do preconceito no Brasil, baseada na cor de pele, cabelo e feições das pessoas.

Aliado aos conceitos de Freyre (1984), a convivência entre brancos e negros foi marcada pela escravidão, pois no Brasil colônia, os brancos chegaram por vontade própria e os negros trazidos como escravos para servir os nobres. Mesmo depois da Lei Áurea, sancionada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, não foram criados mecanismos efetivos para uma emancipação dos ex-escravos e seus descendentes que permitisse a igualdade.

Segundo Holanda (1995) apud Freyre (1984), a tentativa da Igreja católica em nortear o preconceito para vias religiosas não deixou de existi-lo entre nós, mesmo que, menos avassalador como em outros países, mas existiu e ainda preiteia nossa sociedade. Alguns possuem preconceito contra a cor da pele do outro, e há aqueles que são contra a origem escrava deles, mas o certo é que preconceito racial existe.

De acordo com Rodrigues (2003), no Brasil algumas pessoas afirmam que preconceito racial não existe, mas o que percebemos é uma forma mascarada, encoberta que tendem a disfarçar a exclusão racial. A sociedade não quer discutir este tema, mas é preciso discutir, pois o racismo está de forma sutil, entranhado nos segmentos fundamentais da sociedade e na cultura. O principal problema consiste na

herança social do negro, que carrega a subordinação, a opressão e consequentemente a exclusão.

Para Nogueira (2006), muitos brasileiros tendem a negar o preconceito existente no país, e outros, ainda, não percebem, na modalidade que aqui se encontra. Segundo Rodrigues (2003), a escola deveria ser um espaço de igualdade, de construção da identidade, visando à dignidade do ser, entretanto ela reproduz o capital cultural da classe dominante. A escola auxilia na propagação dos modelos de beleza, das valorizações desiguais que refletem na violência e no racismo. Podemos constatar isso através das brincadeiras, apelidos, entre outras atitudes que levam a criança a tornar-se diferente, retraída, discriminada. Até mesmo nos livros didáticos percebemos esta exclusão, pois trazem imagens preconceituosas, nos textos, geralmente o negro é o personagem inferior, assumindo papéis desprivilegiados, caracterizando uma violência simbólica.

A violência simbólica trata das imagens que degrinem os negros em uma história, as funções dos negros são as *inferiores*, os personagens negros são inferiores em relação aos personagens brancos, sempre assumindo profissões ou papéis menos nobres. Em textos e ilustrações o negro é menosprezado, caracterizando a violência simbólica, ou seja, a violência por meio de símbolos que denotam.

2.1. O preconceito racial norte-americano: a repugnação ao negro

Nos Estados Unidos o preconceito acontece de maneira aberta, sendo algo considerado *normal* e aceitável. De acordo com Nogueira (2006), as restrições impostas aos negros norte-americanos de maneira geral e independente de seu grau de instrução ou classe social: qualquer um, sendo negro, será vedado de permanecer em salas de espera, aeroportos, residir fora da área de segregação, entre outras imposições.

Nogueira (2006) corrobora afirmando que, nos Estados Unidos, aqueles brancos que mantém amizade com pessoas de cor são chamados de “negro voluntário”, e aqueles que se casam com negros são considerados negros também, sendo objeto de discriminação, tal como o seu cônjuge.

Alguns norte-americanos acreditam, de forma equivocada, que cada indivíduo deve viver em seu lugar de origem, sem atrapalhar a sociedade. Para eles, o negro é um atraso, não traz uma imagem de supremacia, e sim de escravidão e inferioridade.

Para Nogueira (2006), existem dois tipos de preconceito nesse país, o de marca e o de origem. O preconceito de marca consiste no dogma da cultura que prevalece sobre a raça e o de origem baseia-se na raça sob a cultura. Consequentemente, no preconceito de marca, os menos endogâmicos (indivíduos do mesmo grupo, ou seja, negros) são favorecidos pela cultura, pois a cultura é superior à raça. Entretanto, no preconceito de origem, as minorias mais endogâmicas possuem privilégios da raça dos mesmos, pois se trata da última acima da cultura.

Nos Estados Unidos, o preconceito é mais tolerante para os estrangeiros, ou seja, aqueles que trazem sua própria cultura para o país que migram. Mas em se tratando dos negros, a tolerância quase inexiste, pois não aceitam outra raça no mesmo domínio que eles, caracterizando um preconceito de origem, pois a raça prevalece então sobre a cultura e é inadmissível aos norte-americanos.

CAPÍTULO III

PRECONCEITO RACIAL OU *BULLYING* EM *TODO MUNDO ODEIA O CRIS*?

Atualmente a mídia vem destacando muito o *bullying* e deixando de lado as outras formas de violência, tal como o preconceito racial. Identificar o tipo de influência na vida de uma criança ou adolescente, ajuda no eventual tratamento e orienta as atitudes a serem tomadas sobre determinados fatos.

Figura 01: Família Rock da Série "Todo Mundo Odeia o Cris
Fonte: http://curiosomundointeressante.blogspot.com/2011/04

Para analisarmos como o preconceito racial é propagado na sociedade, temos a série: *Todo mundo odeia o Chris,* exibido diariamente no canal de televisão da Rede Record no horário das 14h00. Vide figura 01. Baseia-se nas vivências da adolescência do comediante Chris Rock, no bairro de *Bed-Stuy,* no distrito do Brooklyn, em Nova York. Este bairro, originalmente pertence somente aos negros, mas o protagonista estuda em uma escola de brancos, Corleone Junior High School, é através deste primórdio que decorrem os episódios.

A série teve quatro temporadas e foi exibida originalmente nos Estados Unidos entre os anos de 2005 a 2009 e seu elenco consiste respectivamente nos atores: Terry Crews, Tichina Arnold, Tequan Richmond, Imani Hakim e Tyler James Williams, que está no papel principal. Estes representam Julius e Rochelle, os pais de Chris, Drew e Tonya, os irmãos do protagonista e Chris, o mentor da história.

Em *Bed-Stuy* Chris vive muitas alegrias e desventuras, e estas são organizadas em ações e pensamentos do ator, numa linguagem humorística e muitas vezes exagerada. Além de sua família, o protagonista vive aventuras com Joe

Caruso, um menino branco mal encarado da escola, e o amigo Greg Wulliger, com quem divide as dificuldades e bagunças.

Para demonstrar a presença do preconceito racial nessa série, vamos atentar a alguns trechos do primeiro episódio da primeira temporada. Nesse, Chris se muda para o bairro de *Bed-Stuy* e vai para o seu primeiro dia de aula numa escola de brancos. Para isso, ele deve pegar um ônibus movimentado de pessoas, quando o seu companheiro de banco levanta e ele percebe que tem uma vaga e uma senhora grávida está em pé, ele oferece o lugar para a mesma.

Figura 02: Cena que retrata o preconceito racial no ônibus.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=N_rDLrlysWs

Nessa cena, vide figura 02, percebemos o descaso da gestante perante o “negro”, pois ela se recusa em sentar ao lado do menino, pelo fato da cor de sua pele. Mesmo cansada, ela prefere ficar em pé, mas não se submete ao constrangimento de sentar ao lado de um negro.

Outra cena intrigante do episódio acontece quando o Caruso, personagem branco e mal encarado começa a bater no Chris, ele implica com o menino e o deixa sempre nas piores situações.

Figura 03: Cena que retrata o preconceito racial com Caruzo.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=N_rDLrlysWs

Além disso, conforme observamos na figura, ele esta sempre querendo amedrontar o Chris, reprimindo ele em diversos momentos. O intuito dele é constranger o negro perante as pessoas e para isso utiliza de diversos atos inescrupulosos para tal. Como por exemplo, fazer piadas, bater, entre outras agressões.

O personagem marcante do episódio é Caruzo, pois as insinuações contra Chris são frequentes, até que resolve agredi-lo. Durante a briga, o protagonista sai machucado e percebe que não pode combater o encrenqueiro.

Figura 04: Cena que Caruzo agride Chris.
Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=N_rDLrlysWs

A figura 04 nos remete a um lugar escondido, provavelmente atrás da escola, e o Caruso esta agredindo Chris, que tenta se defender, mas não consegue, pois o adversário é maior. Nota-se que ninguém interfere na briga e ambos continuam brigando, até o momento que o protagonista foge e entra no ônibus para voltar pra

casa. Ao chegar em sua casa, Chris não relata o fato aos seus pais e permanece quieto, com medo, com receio, na realidade estava constrangido pelo fato de ter apanhado no seu primeiro dia de aula.

Finaliza o episódio com o pai de Chris conversando com o menino sobre como foi o seu primeiro dia de aula e o mesmo mente que foi bom. O fato de omitir o que realmente aconteceu trás uma reação cômica pra quem assiste, mas se pensar seriamente sobre os acontecimentos, percebemos que calar-se é consentir e quem consente, sempre acaba sofrendo.

No seriado *Todo Mundo Odeia o Chris (linguiça)* mostra uma das professoras a qual o Chris também sofria um tipo de agressão ela colocava normas no quadro para serem compridas pelos alunos, as normas eram simples não podia falar, conversar, comer e dormir muito menos se alguém fizesse alguma coisa elem de sentar e calar a boca teria dez minutos de punição, o discente teria que ficar depois da aula cumprindo sua punição, o tempo do castigo dependia do tanto de vez que descumprisse a normas.

O Chris era o aluno que mais era punido pela docente, pois ele era negro e novo no colégio, com as punições no colégio o Chris passou a chegar tarde em sua casa e com isso ele era punido em casa também no primeiro dia que ele chegou tarde em casa sua mãe puniu ele fazendo o lavando a escada e o banheiro, Chris não falava para a sua mãe o que acontecia no colégio com medo de sua mãe ir no colégio ele dizia que não falava porque não teria coisa pior do que uma mulher negra e furiosa na escola.

Com isso ele sofria as agressões calado, portanto cada dia que passava surgia novas normas, o Chris tinha que estar dentro da sala de aula na hora que tocasse o sinal ao contrario seria punido também por que não estava dentro da sala na hora do sinal. No episódio o mostra entrando na sala de aula na hora que toca o sinal e a professora já fala que ele tinha dez minutos depois da aula,quando o mesmo mencionou em falar algo para a docente ela logo já disse que ficaria vinte minutos ou será que queria ficar meia hora, pois a professora fala que na porta não é dentro da sala, isso é por que a professora citava normas e ele por ser aluno novo do colégio não teria se adaptado com as normas. Mesmo quando o Chris não descumpria as normas proposta pela professora os colegas de sala procuravam encrencar ainda mais escrevendo recadinho para ele e como ele não entendia

pergunta o que era, pois só escutava ela ditando o castigo para ele isso para seus colegas era o máximo ver aquele garoto negro sendo punido.

Na realidade, essa história é em parte fictícia, com o intuito de retratar a vida do ator Christopher Julius Rock, um comediante e ator americano que cresceu em *Bedford-Stuyvesant High Scchool*, o ator estreou em filmes em 1986, dentre eles: *Máquina Mortífera 4 (1998),'O Império do Besteirol Contra-Atac' (2001) e Em Má Companhia* (2002).

De acordo com o noticiário publicado pelo Impacto Rondônia Jornalismo (2011), o enredo da série foi baseado na infância e adolescência de Chris Rock, criador, produtor, narrador e ator da série.

Figura 05:Christopher Julius Rock e Tyler James Williams
Fonte:http://minilua.com/curiosidades-serie-todo-mundo-odeia-chris/

A figura 05 nos mostra os atores juntos e a semelhança de ambos. Na vida real, Chris Rock é filho de Christopher Julius Rock II e Rosalie Tingman Rock (chamada no seriado de Rochelle), possui 7 irmãos, dentre eles Tony, Kenny e Charles (falecido), mas somente dois aparecem no seriado, Andrew (Drew) e Tonya. Rock afirma ter sido preso quatro vezes, uma por atacar um jovem que lhe havia roubado e três vezes por violações de trânsito, incluindo dirigir sem a licença e por dirigir muito devagar.

CONSIDERAÇOES FINAIS

A série *Todo mundo odeia o Chris* retrata a vida de um adolescente negro num país de brancos, nas diversas cenas descritas, percebemos o preconceito racial e não o *bullying.* De acordo com os conceitos salientados ao longo do trabalho, constatamos que as características definem o preconceito primordial no episódio, pois os mal tratados acontecem devido à cor de Chris, por ele ser negro, isso o torna inferior, menosprezado na sociedade. Quando ele questionava a sua mãe por ter que estudar em outro bairro, ela fala que os garotos brancos recebem educação enquanto os ginásios do bairro só formavam marginais. O Chris não sofria preconceito só na escola ele já começava a sofrer preconceito desde quando pegava o ônibus, onde só tinha brancos, ninguém sentava com ele no banco. Mas é no colégio que ele sofre, pois Joe Caruso passa a persegui-lo, o qual demonstra a maior parte das cenas de preconceito sofrida no episodio.

Nas cenas do colégio percebemos que todos olham o Chris com um olhar diferente por causa de sua cor, pois tem uma cena que ele esta passando no corredor do colégio e uma professora sai correndo e se tranca em uma sala, ele ainda fala no seriado que ela permaneceu trancada naquela sala por uma semana com medo dele por causa de sua cor. Isso nos deixa nítido o preconceito racial que é demonstrado de maneira irônica no seriado.

Conforme vimos no seriado Chris não sofre preconceito só de Joe Caruso, mas de algumas professoras que ele teve uma delas é a de Todo mundo Odeia o Chris (linguiça) onde ela sempre estava deixando o de castigo após as suas aulas. A forma de trabalhar da docente apresentada pela serie é muito tradicional onde o aluno teria que sentar e ouvir não poderiam falar nada muito menos expor sua opinião, já nos tempos de hoje já é diferente os alunos tem todo esse livre arbitro de contribuir com seus conhecimentos e ate mesmo levando a um possível debate do tema trabalho na sala de aula. Vale ressaltar que hoje o professor não pode tratar seu discente da forma que a professora tratava o Chris no seriado.

Outro fato que nos confirma o preconceito racial é a maneira como Caruso chama o protagonista, sempre o refere como *o neguinho*, *cabelo duro e pixaim*, com isso chega à conclusão que alem de ele deixar o garoto em todo instante constrangido ele o ofende com palavras.

Os negros norte-americanos não tinham os mesmos direitos que os brancos, nem se quer frequentar os mesmos lugares. Com isso o Chris, por ser negro ele era humilhado naquela escola, pois só tinha ele de negro, sendo assim, ele não poderia frequentar a escola também pelo simples fato da sua cor de pele, não ser branco como os demais alunos do colégio. O Chris era humilhado por professoras, em uma cena do seriado a professora entrava na sala e citava normas para ser cumprido dentro da sala de aula o Chris não podia falar nada, cada vez que ele falasse seria dez minutos que ficava após a aula.

Por se tratar do preconceito Norte- americano ele representa um atraso para o país, o negro para eles são seres inferiores, pois os negros não têm pode freqüentar a sociedade, eles têm que viver o seu mundo para não atrapalhar a sociedade.

Salientamos que a luta contra o preconceito racial e o *bullying* são constantes e não devem ser alienadas. Pois quando se fala em violência, deve-se levar em consideração os diversos fatores que a causam e a partir daí, tomar as decisões cabíveis para ajudar as vítimas e os agressores.

O que fica é que as pessoas devem tirar a idéia de que tudo é *bullying,* existem outras maneiras de violência, sobretudo no âmbito escolar, e diagnosticá-las é o primeiro passo para uma conscientização a cerca das diversas lacunas presentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying:*** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

JACCOUD Luciana; OSÓRIO Rafael; SOARES Sergei. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Mário Theodoro (org.) Brasília: Ipea, 2008. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/Livro_desigualdadesraciais.pdf. Acesso em: 31 out. 2011.

IMPACTO RONDÔNIA JORNALISMO. **Todo mundo odeia o Chris.** 2011. Disponível em: http://www.impactorondonia.com/internacional/ler.php?id=11445 Acesso em: 31 out. 2011.

NASCIMENTO, Bárbara. **A boa forma do corpo feminino na modernidade: winners or losers?** XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Univrsidade Federal da Bahia (UFBA), 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306891596_ARQUIVO_ABOAFORMADOCORPOFEMININONAMODERNIDADE-WINNERSORLOSERS.pdf. Acesso em: 02 nov. 2011.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Revista de Sociologia da USP, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf. Acesso em: 02 nov. 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Violência Virtual**. São Paulo, vol. XXV, n. 23, 2010.

REVISTA PSIQUÉ. 58. ed. São Paulo: Escala, 2010.

RODRIGUES, Dayse Berenguer. **Preconceito racial:** uma violência que influencia a democracia na escola**.** Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém-PA, 2008. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/159.pdf. Acesso em: 31 out. 2011.